ANÁLISE DOS CASOS DE INTOXICAÇÕES EXÓGENAS POR TENTATIVA DE SUICÍDIO EM CRIANÇAS NOTIFICADOS EM UM CENTRO DE INFORMAÇÃO E ASSISTÊNCIA TOXICOLÓGICA NO ANO DE 2025

Rhayra Maria Freire (PIBIC-AF-is/CNPq/FA/UEM), Marcia Regina Jupi Guedes (Co-autor), Samuel Botião Nerilo (Co-orientador), Simone Aparecida Galerani Mossini (Orientador). E-mail: ra138766@uem.br

Universidade Estadual de Maringá, Centro de Ciências da Saúde, Maringá, PR.
Área e subárea do conhecimento: Farmacologia/toxicologia.

Palavras-chave: Tentativa de Suicídio; toxicologia; medicamento.

RESUMO

O suicídio na infância e adolescência é um grave problema de saúde pública, sendo a intoxicação medicamentosa o principal meio de autoagressão. Este estudo analisou o perfil epidemiológico, clínico-assistencial e o desfecho de tentativas de suicídio por ingestão de medicamentos atendidas em um serviço toxicológico de referência. Trata-se de pesquisa quantitativa, transversal e retrospectiva, baseada em 90 notificações de crianças e adolescentes (5 a 14 anos) registradas no Centro de Informação e Assistência Toxicológica de Maringá em 2025. Os resultados indicam predomínio do sexo feminino (91,1%) e da faixa de 13 a 14 anos (72,2%), com pico aos 14 anos (41,1%). A residência foi o local em 93,3% dos casos e a via oral em 98,9%. Os fármacos responderam por 96,7% dos agentes, destacando-se antidepressivos (34,5%), antipsicóticos/estabilizadores do humor (32,2%) e analgésicos/anti-inflamatórios (31,0%), com 43,3% de poli-ingestão. A maioria dos quadros foi leve (75,6%) e 43,3% receberam atendimento em até uma hora. Houve lavagem gástrica (17,8%) e uso de carvão ativado (25,6%) após uma hora da ingestão, intervenções restritas a doses potencialmente letais. O suporte incluiu hidratação intravenosa (85,6%) e monitorização (84,4%), resultando em 96,7% de cura e nenhum óbito. Contudo, 98,9% dos atendimentos não registraram avaliação psicológica ou psiquiátrica. Conclui-se que as ocorrências se dão no domicílio com fármacos acessíveis, exigindo adequação de condutas emergenciais e articulação com a Rede de Atenção Psicossocial para assegurar cuidado contínuo e prevenir recidivas.

INTRODUÇÃO

O suicídio na infância e na adolescência é reconhecido pela Organização Mundial da Saúde como um grave problema de saúde pública, estimando-se a ocorrência de ao menos vinte tentativas para cada óbito consumado (WORLD HEALTH ORGANIZATION, 2014). No Brasil, as notificações de lesões autoprovocadas em crianças e adolescentes de 5 a 14 anos totalizaram 10.660

registros entre 2010 e 2021, correspondendo às intoxicações exógenas a 67,1% dos casos (BRASIL, 2023). Dentre os meios empregados, a ingestão intencional de medicamentos destaca-se como o método predominante, impulsionada pelo fácil acesso no ambiente doméstico e pela vulnerabilidade emocional na transição para a adolescência (TIROLLA *et al.*, 2021; SHERIDAN *et al.*, 2022). Diante da necessidade de subsidiar o planejamento em saúde coletiva e qualificar as condutas de urgência no âmbito do Sistema Único de Saúde (SUS), o presente estudo teve como objetivo analisar o perfil epidemiológico, clínico-assistencial e o desfecho das tentativas de suicídio por intoxicação medicamentosa em indivíduos de 5 a 14 anos atendidos em um serviço toxicológico de referência regional.

MATERIAL E MÉTODOS

Trata-se de um estudo epidemiológico, transversal e retrospectivo, baseado em dados secundários provenientes das fichas de notificação do Centro de Informação e Assistência Toxicológica de Maringá (CIATox-Maringá) referentes ao ano de 2025. Foram incluídas as notificações de intoxicações exógenas com intenção autolítica em pacientes com idade entre 5 e 14 anos (N = 90). As variáveis foram categorizadas em três eixos: sociodemográfico/temporal (sexo, idade, raça/cor, município e mês), características da exposição (local, agente envolvido, via e padrão de ingestão isolada ou polingestão) e perfil clínico-assistencial (tempo até admissão, sinais e sintomas, gravidade, condutas terapêuticas e de descontaminação, registro de avaliação psicológica/psiquiátrica e desfecho clínico). Os dados foram tabulados e submetidos à análise estatística descritiva (frequências absolutas e relativas). A pesquisa seguiu as Resoluções nº 466/2012 e nº 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde, aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Estadual de Maringá e encontra-se aprovado sob o parecer nº 6.940.926.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

No período avaliado, registraram-se 90 notificações de intoxicações exógenas intencionais. A análise do perfil sociodemográfico evidenciou expressivo predomínio do sexo feminino (91,1%, n= 82) em relação ao masculino (8,9%, n= 8), corroborando a literatura sobre a maior frequência de tentativas autolesivas entre mulheres (GONZÁLEZ *et al.*, 2024). Quanto à faixa etária, 72,2% (n= 65) das ocorrências concentraram-se entre 13 e 14 anos, com pico aos 14 anos (41,1%, n= 37), enquanto o intervalo de 10 a 12 anos correspondeu a 27,8% (n= 25). Em relação à raça/cor autorreferida, predominaram indivíduos brancos (54,4%) e pardos (27,8%). Geograficamente, 47,8% dos atendimentos procederam do município de Maringá e 52,2% dos demais municípios da Macrorregião Noroeste, com notificações distribuídas ao longo de todo o ano, apresentando discretos picos em fevereiro (12,2%), outubro (11,1%) e dezembro (12,2%).

No que tange às características da exposição, a residência própria configurou o local da ocorrência em 93,3% dos casos (n= 84), consolidando o domicílio como o principal cenário de vulnerabilidade (SOUZA *et al.*, 2024). A via oral respondeu por

98,9% das exposições e os medicamentos representaram 96,7% das substâncias mobilizadas. Entre as classes farmacológicas mais utilizadas, destacaram-se os fármacos com ação no sistema nervoso central, como os antidepressivos (34,5%, n = 30) e os antipsicóticos/estabilizadores do humor (32,2%, n= 28), seguidos pelos analgésicos e anti-inflamatórios não esteroides (31,0%, n= 27). A poli-Ingestão ocorreu em 43,3% dos casos (n= 39), elevando a complexidade do manejo emergencial pelas potenciais interações medicamentosas.

Quanto à dimensão clínico-assistencial, 75,6% dos quadros foram categorizados como leves e 21,1% como moderados. O tempo até a admissão hospitalar foi de até 1 hora após a ingestão em 43,3% dos pacientes, enquanto 56,7% deram entrada após esse intervalo (18,9% com tempo superior a 6 horas). As manifestações clínicas predominantes foram as neuropsíquicas e musculares (45,6%), seguidas pelas gastrintestinais (24,4%) e cardiológicas (11,1%). Quanto à descontaminação gástrica, identificou-se o uso de carvão ativado em dose única (25,6%) e lavagem gástrica (17,8%) tardias, condutas que devem ser orientadas em casos específicos e com indicação de um toxicologista devido a diminuição do benefício clínico e aos riscos mecânicos inerentes.

O suporte clínico baseou-se em hidratação intravenosa (85,6%), monitorização contínua (84,4%), antieméticos (53,3%), sedação com benzodiazepínicos (34,4%), oxigenoterapia (11,1%), intubação traqueal (2,2%) e administração de N-acetilcisteína (2,2%). O desfecho evoluiu para cura em 96,7% dos casos (91,1% provável e 5,6% confirmada), sem registro de óbitos. Contudo, a ausência de registro formal de avaliação psicológica ou psiquiátrica em 98,9% dos atendimentos revelou uma importante lacuna na linha de cuidado e na articulação com a Rede de Atenção Psicossocial, onde a falta de encaminhamento documentado ao tratamento psicológico mantém a criança desassistida frente ao sofrimento emocional de base e elevando drasticamente o risco de recidivas e tentativas futuras de maior agravo.

CONCLUSÕES

Os achados evidenciam que as tentativas de auto envenenamento infantojuvenil concentram-se no ambiente doméstico, favorecidas pelo fácil acesso a psicotrópicos e analgésicos comuns. Embora os serviços de emergência alcancem êxito na estabilização orgânica com baixa letalidade imediata, torna-se imprescindível buscar auxílio dos centros de informações toxicológicas e estruturar o fluxo formal de encaminhamento para a saúde mental. A integração entre as portas de urgência, o CIATox e a Rede de Atenção Psicossocial é indispensável para garantir a integralidade do cuidado e prevenir a recidiva de atos autolesivos.

AGRADECIMENTOS

À UEM, ao CIATox-Maringá/HUM pela disponibilização dos dados institucionais, e ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) / Fundação Araucária pelo fomento e concessão de bolsa de Iniciação Científica (PIBIC).

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Mortalidade por suicídio e notificações de lesões autoprovocadas no Brasil: panorama dos suicídios e lesões autoprovocadas no Brasil de 2010 a 2021. **Boletim Epidemiológico**, Brasília, DF, v. 54, n. esp., p. 1–40, set. 2023. Disponível em: https://www.gov.br/saude/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/boletins/epidemiologicos/edicoes-especiais/2023/boletim-epidemiologico-volume-54-no-especial-set-2023. Acesso em: 10 ago. 2026.

GONZÁLEZ, J. et al. Intoxicaciones agudas con fines autolíticos en población pediátrica y adolescente: características epidemiológicas y clínicas. **Revista Chilena de Pediatría**, Santiago, v. 95, n. 1, p. 45–54, 2024. DOI: https://doi.org/10.32641/rchped.v95i1.4820. Disponível em: https://www.revistachilenadepediatria.cl. Acesso em: 10 ago. 2026.

SHERIDAN, D. C. et al. Adolescent suicidal ingestions: 20-year trends and racial disparities. **The Journal of Pediatrics**, St. Louis, v. 248, p. 95–101.e1, 2022. DOI: https://doi.org/10.1016/j.jpeds.2022.04.048. Disponível em: https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S002234762200388X. Acesso em: 10 ago. 2026.

SOUZA, D. M. et al. Perfil dos atendimentos às tentativas de suicídio por adolescentes em pronto-socorro e fatores associados. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, Porto Alegre, v. 45, e20240049, p. 1–12, 2024. DOI: https://doi.org/10.1590/1983-1447.2024.20240049.pt. Disponível em: https://www.scielo.br/j/rgenf/a/7jG9m4PZ6QyY6sJ8rB8C5Gg/. Acesso em: 10 ago. 2026.

TIROLLA, R. M. et al. Tentativas de suicídio entre adolescentes atendidos em hospital de urgência e emergência. **Cadernos de Pós-Graduação em Distúrbios do Desenvolvimento**, São Paulo, v. 21, n. 2, p. 11–27, 2021. DOI: https://doi.org/10.5935/cadernosdisturbios.v21n2p11-27. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-03072021000200002. Acesso em: 10 ago. 2026.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Preventing suicide: a global imperative**. Geneva: World Health Organization, 2014. 92 p. Disponível em: https://www.who.int/publications/i/item/9789241564779. Acesso em: 10 ago. 2026.